

Texto, comunicação, interação: considerações sobre a possível delimitação dos conceitos*

*Text, communication,
interaction: considerations on
the possible delimitation of the
concepts*

Luiz Carlos TRAVAGLIA (UFU)
lctravaglia@ufu.br

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

*Trabalho apresentado no IV Workshop em Linguística Textual – UFC – Grupo Protexito em maio de 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto, comunicação, interação: considerações sobre a possível delimitação dos conceitos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2417, p. 229-247, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2417.

Resumo: A proposição de que existem fronteiras entre texto, interação e comunicação implica que temos três fenômenos distintos e há fronteiras entre eles. Além disso, se são distintos, que características distinguem esses três fenômenos? Como eles se relacionam e por meio de quê? O que marca ou confunde suas fronteiras? Este trabalho busca responder a essas questões, explicitando as características distintivas de texto, interação e comunicação e o que os superpõe, fazendo com que suas fronteiras sejam fluidas e difusas. Comentamos ainda rapidamente sobre a existência de particularidades dessa distinção nas mídias sociais.

Palavras-chave: Texto. Interação. Comunicação. Sentido.

Abstract: The proposition that there are boundaries between text, interaction and communication implies that we have three distinct phenomena and there are boundaries between them. Furthermore, if they are distinct, what features distinguish these three phenomena? How do they relate and through what? What marks or blurs their borders? This work seeks to answer these questions, explaining the distinctive characteristics of text, interaction and communication and what superimposes them, making their borders fluid and diffuse. We also comment briefly on the existence of particularities of this distinction in social media.

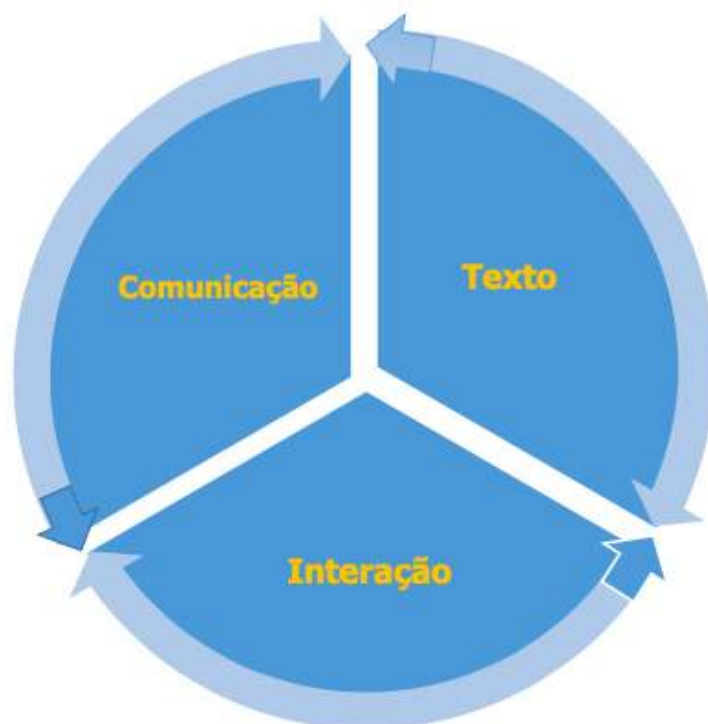
Keywords: Text. Interaction. Communication. Sense.

Este trabalho foi apresentado em uma mesa redonda que visava a discussão da fluida fronteira entre os termos **interação, comunicação** e **texto** e o que eles identificam, com foco nas mídias digitais.

Na verdade, a fronteira é fluida, mas o fato de se querer discutir essas fronteiras e sua fluidez, assim como falar delas em qualquer perspectiva, implica a admissão de que tais fronteiras possam existir ou existam e que texto, interação e comunicação se distinguem de alguma forma e em alguma dimensão. Se são distintos, o que distingue esses três fenômenos? Ou seja, que características podem ser levadas em conta para dizer que há aí uma efetiva distinção, mesmo que fluida?

Dizer que as fronteiras entre texto, comunicação e interação são fluidas é já admitir que a distinção entre esses fatos ou fenômenos não é fácil de estabelecer, porque há entrelaçamentos e talvez a fluidez se concretize exatamente nesses entrelaçamentos de texto, comunicação e interação, e não na inexistência das fronteiras. De toda forma, vamos nos aventurar a buscar o que causa o entrelaçamento dos três fatos e que aspectos nos permitem delimitar os conceitos e, portanto, os três fatos que eles representam. Na Figura 1 buscamos representar a proximidade de texto, comunicação e interação, mas a figura coloca fronteiras horizontais, rígidas, embora as setas sugiram um processo de interação. A nossa limitação de *design* nos levou a colocar setas indicando inter-relações binárias, mas a intuição e a observação nos dizem que elas não são apenas bidirecionais, mas acontecem entre texto, interação e comunicação multidirecionalmente.

Figura 1 – Texto, comunicação e interação



Fonte: Elaborada pelo autor.

Vamos então buscar a efetivação de conceitos que permitam a distinção, apesar da fluidez das fronteiras. Propomos mais adiante que essa fluidez tem um responsável.

Começemos pelo **texto**. Podemos dizer que ele é a unidade da língua no nível textual-discursivo, assim como se têm outras unidades constituintes da língua como, por exemplo, os fonemas (no plano fonológico), os morfemas (no plano morfológico), os sintagmas, as orações e os períodos (no plano sintático), os semas e sememas (no plano semântico), os atos de fala (no plano pragmático), as palavras (no nível lexical) e as frases (no nível frasal). Ao voltarem seu foco para essa concepção do texto como unidade da língua, muitos o veem apenas como a unidade concreta constituída por recursos linguísticos e restringem as pesquisas chamadas de textuais apenas à observação do físico do texto, a sua manifestação concreta, desconsiderando toda e qualquer exterioridade que seria então discursiva e que é fundamental não só no funcionamento do texto, mas também em sua constituição para que ele possa ter um funcionamento específico em busca de um efeito de sentido específico (enquanto um desejo utópico, já que todo texto pode ter mais de uma interpretação), que é o que dá coerência ao texto e deve ser apreendido pelo alocutário. Na verdade, essa fusão

de textual e discursivo, sendo característica de um fato da língua, o texto, levou muitos linguistas a o definirem de modo a explicitar um pouco mais esse seu funcionamento discursivo, que é parte dele, embora se tenha o linguístico e a exterioridade como algo distinguível. Lembramos aqui a conceituação de Koch e Elias (2006), que nos é útil porque também coloca em jogo a interação:

[...] o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos-de-discurso e proposta de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 7).

A **interação** pode ser entendida como a ação entre interlocutores, (daí a afirmação de dialogicidade fundamental da língua e seu uso). Como essa ação é sempre pelo menos bidirecional, porque se dá dialogicamente, fala-se então de interação, ou seja, de ação entre, e tem-se então a necessidade de consideração do outro. A ação que acontece é linguística, se dá por meio da língua, por meio de um instrumento linguístico (o texto), que não é, sabemos, de uma só forma básica, como fica dito por Koch e Elias (2006, p. 7) ao se referirem a “múltiplas formas de organização textual”. Ou seja, temos múltiplos instrumentos/ferramentas, de diferentes categorias que são os gêneros, constituídos por tipos, subtipos e espécies¹. Essa ação, além de linguística, é sociocognitiva, o que implica que acontece em um contexto de situação (situação imediata), que implica um contexto sócio-histórico-ideológico com todos os seus componentes, incluindo crenças, ideologias, posições e lugares sociais, tais como: patrão, professor, irmão, pai, mãe, familiares em geral, pesquisador, médico, agricultor, especialista em tecnologia da informação, religioso, etc., bem como formas sociais (religioso: padre, bispo, pastor, pai de santo, irmã, etc.; político de direita, ou de esquerda ou de centro) e num contexto cognitivo de conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, etc.

Tudo isso mostra a inserção do não linguístico no funcionamento do texto, mas pode-se dizer que é o texto? Como a troca de sentidos acontece em um contexto específico, reiteramos que esse contexto vai incluir uma situação imediata, um contexto sócio-histórico-ideológico e um contexto cognitivo. O contexto cognitivo vai depender muito, é

¹ Cf. Travaglia (2007a, 2007b, 2009a, 2009b).

claro, de quem são os interlocutores e seus conhecimentos de mundo e linguístico.

Temos, então, o instrumento (o texto) e suas categorias que, para Travaglia (2007a, 2007b, 2009a, 2009b), podem ser de quatro naturezas distintas chamadas de tipelementos: tipos/subtipos, gêneros e espécies. Os gêneros são fundamentais nessa interação, e suas condições de funcionamento (tudo o que advém da interação: o que se diz, para quem, com que objetivo, onde, quando, sob que perspectivas) nos dão a inserção discursiva que permite contextualizar a interação pela linguagem e a necessidade de uma competência discursiva para propor ou apreender um efeito de sentido inscrito no texto usado. Uma interação sempre presente é a argumentação, de tal modo que ela se torna fundamentalmente constitutiva da própria língua. Uma outra pergunta que podemos nos fazer, então, é: que outras ações fazemos por meio da linguagem?

A **comunicação** será a produção de um sentido ou efeito de sentido por alguém (um receptor do texto ou alocutário, pretendido ou não). Não é, pois, uma unidade da língua, mas um sentido que acontece em função de vários fatores, inclusive dos recursos linguísticos usados na composição do texto. O sentido é proposto pelo produtor do texto e “reconstruído” (não no sentido de decodificado) pelo compreendedor do texto, já que compreender um texto é estabelecer um sentido para o mesmo. A comunicação é a finalidade, o objetivo do uso da língua ou outra linguagem em forma de texto, que também pode ser multimodal (construído por mais de uma linguagem) e só acontece como texto, se acontece o sentido entre interlocutores por meio de um construto de língua ou de outra linguagem ou de linguagens em conjunto.

Mas o que é o **sentido**? Talvez possamos dizer que é a porção de mundo criada por nós (e portanto perpassada por toda a nossa conformação social, histórica e ideológica, por nosso conhecimento de mundo e nosso conhecimento linguístico) e que é oferecida ao outro. Essa criação é altamente complexa, como já ficou sugerido ao se buscar caracterizar e distinguir texto, comunicação e interação. O sentido acontece, mas não aleatoriamente, já que há fatores de várias naturezas a construí-lo (Cf. Figuras 2 e 2A) e ele, de certa forma, é o que há de comum entre texto, comunicação e interação que o afetam e nos permitem estabelecê-lo e que nele e a ele se superpõem e o tocam e se tocam. Mas o mais difícil de explicar/explicitar é que porção do sentido advém de cada um desses três fatores.

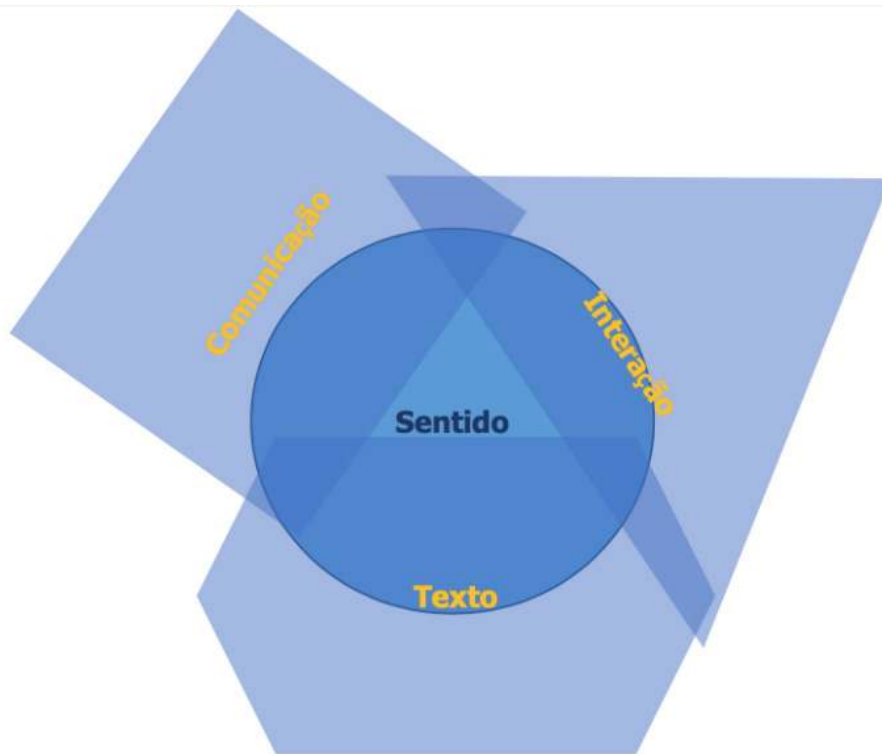
Nas Figuras 2 e 2A, buscamos representar como texto, comunicação e interação acontecem no sentido e se entrecruzam, fazendo a fluidez de suas fronteiras, que ficam dissolvidas pelo que chamamos de sentido. Desse sentido sobra algo fora desses três fatores? Isso é uma questão que ainda não foi respondida, talvez porque nem mesmo foi levantada e, assim, dificilmente, alguém se proporia a respondê-la. Há uma área do sentido não implicada no texto, na comunicação e na interação tal como os concebemos aqui? Fica a questão.

Figura 2 - Sentido



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 2A – Sentido



Fonte: Elaborada pelo autor.

Assim, o que se percebe é que texto, comunicação e interação têm entre si distinções que estabelecem fronteiras, que se borram, esvaem no sentido a que todos os três servem de alguma forma, e que ele, o sentido, assim, inter-relaciona. O texto traz pistas e instruções de sentido no linguístico, que por si só já é social, histórico e ideológico, porque cada elemento da língua foi criado de determinada forma com um naco de realidade vista de uma maneira específica. Portanto o sócio-histórico-ideológico não está apenas em uma exterioridade. Por exemplo, quando falo em “tomate”, levo a uma área de conhecimento de mundo que se liga a alimentos que geralmente são comidos com sal, e então ele é classificado na linguagem comum como um legume. Mas sabemos que cientificamente ele é uma fruta. Isso de tomate ser legume foi estabelecido em uma sociedade, historicamente e vendo o elemento do mundo por um viés e não por outro. Isto é social, é histórico e é ideológico (no sentido de visão que se tem do mundo ou de algo nele).

Outro exemplo do sócio-histórico-ideológico presente em todos os elementos da língua (aqui estamos restringindo os exemplos ao léxico) é o caso de dois verbos que basicamente indicam “executar, realizar, produzir por meio de determinadas ações, dar existência a”: **fazer** e **cometer**. Se observamos tudo o que usamos como complemento

de “cometer” (geralmente um objeto direto), veremos que é sempre um ato doloso ou culpado, algo negativo em nossa sociedade (crime, gafe, infração, adultério, erro, injustiça, indiscrição, excessos, etc.), uma exceção parece ser “Alguém cometer atos de heroísmo”; já “fazer” tem como objetos coisas positivas ou neutras do ponto de vista de nossa sociedade (festa, pergunta, o bem, plano, trabalho ou coisas concretas a que damos existência por nossa ação: casa, bolo, cadeira, comida, macarronada, etc). Jamais teremos uma frase como “Você cometeu o bem”. Como fazer é um superlexema, ele pode substituir “cometer” em alguns casos e teríamos algo como “Você fez uma injustiça/erro, etc.”. Por outro lado, “cometer” pode ser usado (metaforicamente?) com um sentido pejorativo ou jocoso com objetos que normalmente seguiriam o verbo fazer. Assim dizemos “fazer sonetos”, e alguém já disse: “Durante minha vida cometi alguns sonetos”. Essa seleção está inscrita na língua e não se pode negar que foi estabelecida como uma regularidade linguística de instrução de sentido em uma sociedade (social), através dos tempos (histórico) e de acordo com determinadas perspectivas na visão de mundo (ideológico).

Portanto, quando analisamos, tudo na língua é de certa forma ideológico, daí dizermos que o texto não é só forma concreta, mas também funcionamento discursivo, embora os analistas costumem mostrar esse sócio-histórico-ideológico apenas em certos elementos da língua e em elementos da interação. A interação põe em jogo interlocutores que agem entre si linguisticamente (ou por textos de outras linguagens ou textos multimodais). Texto e interação fazem surgir um sentido que concretiza a comunicação, mas esse sentido ao mesmo tempo faz com que a sequência linguística seja texto, já que é o sentido que lhe dá coerência, e esta é o critério de textualidade (TRAVAGLIA; KOCH, 2007).

Percebe-se que, na verdade, Texto, Comunicação e Interação são realidades que se superpõem e se inter-relacionam pela efetivação do sentido e na existência dele.

Gostaria de analisar dois exemplos, buscando evidenciar com mais clareza o que estamos entendendo por texto, comunicação e interação. Começamos com um exemplo hipotético, mas perfeitamente possível na realidade, de que faremos uma análise mais breve.

✓ Exemplo 1

Seja a sequência linguística (1), produzida por alguém.

(1) Vou puxar o seu tapete

Ao ser usada na interação e para a comunicação, ela pode funcionar pelo menos de duas maneiras diferentes:

(A) Suponham-se crianças brincando de trenó, puxando pelo piso da varanda tapetes sobre o qual outra criança está sentada. Elas se divertem. Se uma criança disser a outra o texto (1), ela estará dizendo que vai fazer um favor para a segunda (seu alocutário), arrastando-a, o que provavelmente provocará na segunda um sentimento de agradecimento e/ou de alegria e ela pode não dizer nada ou dizer:

— “Obrigado” / “Então vamos” / “Oba!”

(B) Dentro de uma relação institucional, familiar, etc., uma pessoa fica irritada, irada com outra por causa de suas atitudes e lhe diz (1). A interação sendo outra, o efeito de sentido que acontece na comunicação será outro completamente diferente, algo como: “vou tomar atitudes que vão te prejudicar, que vão lhe causar prejuízo, vou te trair”. Evidentemente é uma ameaça e assim será tomada pelo interlocutor, que provavelmente tomará atitudes de defesa.

Aqui temos uma mesma sequência linguística, pelo menos no plano fonológico. Podemos dizer que temos o mesmo texto, já que os efeitos de sentido são completamente diferentes? Parece-nos que não. Dizemos que sim, num movimento de simplificação.

O segundo exemplo aconteceu em uma rede social: o WhatsApp.

✓ Exemplo 2 – WhatsApp, março de 2021

Um *whatsapper* envia para outros o texto (2), em março de 2021, num momento de pandemia do COVID-19 em que, no Brasil, cidades, estados e o país estão estabelecendo medidas, tais como: a) fechar o comércio não essencial e mesmo o essencial, também com restrições em seu funcionamento; b) impor toque de recolher; c) outras medidas, como restrições no uso do transporte urbano coletivo, proibir eventos e festas até mesmo familiares, entre outras, para conseguir o isolamento social com o objetivo de diminuir a contaminação pelo COVID-19 e

evitar o colapso do sistema de saúde em todo o país. Essas providências provocam desemprego, fome, males econômicos em geral, solidão, etc. Tudo isso causa muita insegurança nas pessoas. Provavelmente (2) seria, na intenção do *whatsapp*, uma mensagem de esperança de consolo, de fé, de ânimo às pessoas que estão se sentindo mal, tristes, ansiosas, depressivas com o isolamento social. Em condições tão adversas ainda se pode contar com forças superiores, no caso Deus, anjos, santos, etc.

Figura 3 – Exemplo (2)



Fonte: *Printscreen* de WhatsApp do autor.

É como se ele dissesse: você está chateado porque está tudo fechado, mas ainda há esperança, porque o céu não está fechado, ou seja, Deus está a postos para ouvir e ajudar a todos, então ore, reze, pedindo a Ele forças, amparo, socorro e o que mais desejar ou precisar. Não se especifica orar para quê. Há reticências no final deixando o objeto da oração em aberto. Não é muito aberto porque (2) é um texto injuntivo, em que “Ore...” é a incitação e “Está tudo fechado! Menos o céu.” é a justificativa²: você deve orar diante da situação de tudo estar fechado menos o céu, que está aberto para nos ouvir, dialogar conosco. Quase sempre, nas orações ou preces, pedimos bênçãos, ajuda, consolo, força, etc., o que dispensa o dizer orar para que, pois isto está implícito no sócio-

² Sobre a superestrutura dos textos injuntivos, ver Travaglia (1992).

histórico-ideológico e na situação imediata de comunicação. Imagine o que isto diria daqui a 50 anos, sem pandemias e *lockdowns*. Esse texto exige para seu funcionamento um contexto em que ideologicamente as pessoas acreditem em Deus, um Deus poderoso, misericordioso e que zela por nós continuamente, e um lugar chamado “céu” em que está Deus e aqueles que fizeram por merecê-lo em sua existência. Essa crença aparece explicitamente na mensagem de WhatsApp de (3) (FIGURA 4).

Figura 4 – Exemplo (3)



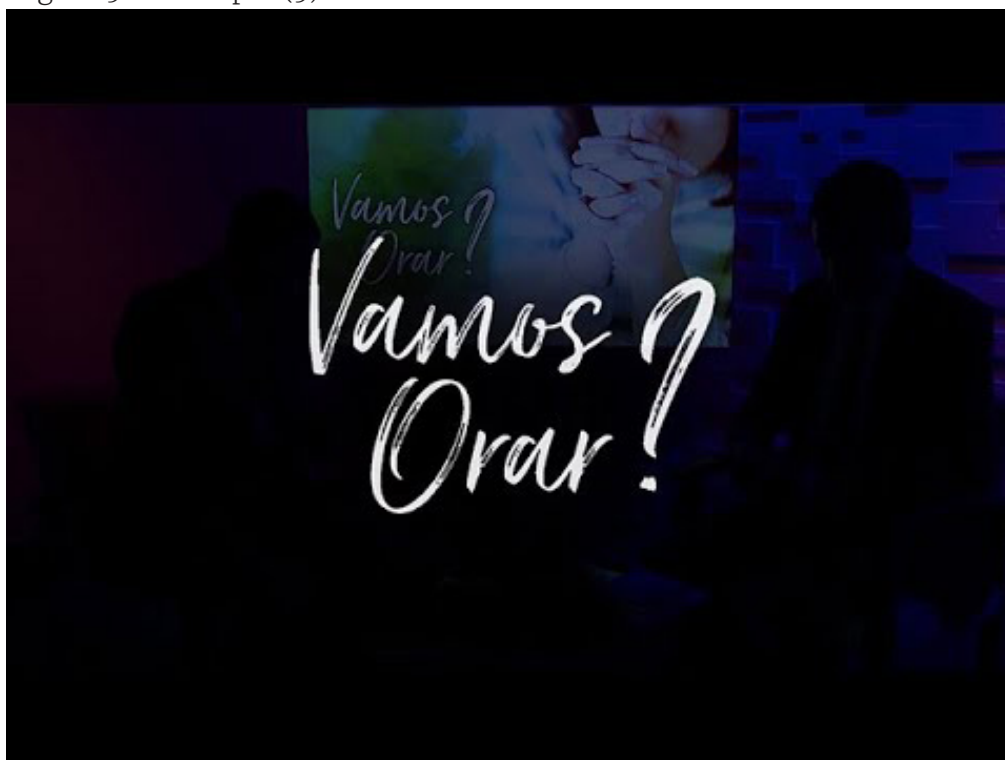
Fonte: Printscreen de WhatsApp do autor.

Vejamos algumas respostas recebidas pelo remetente do texto (2) e representadas pelas mensagens (4), (5), (6), (8) e (10). Veremos que a interação e a comunicação irão variar com a produção de efeitos de sentido diferentes.

(4) Vamos orar. Manter a esperança.

Nessa resposta a interação seguiu o sentido aproximado ao proposto pelo produtor. O respondente produz um texto injuntivo com a incitação para orar e assim manter a esperança (Justificativa para orar). Explicita um dos objetos de pedido e/ou efeito da oração. Ele vai na mesma linha de crença no objetivo da oração, que é falar com Deus para receber ajuda.

Figura 5 – Exemplo (5)



Fonte: Printscreen de WhatsApp do autor.

Em (5), o receptor que responde coloca no seu turno do diálogo um questionamento da incitação para orar, como se perguntasse para que, qual a pertinência de orar nesse momento. O céu vai responder? Vai acolher os pedidos que sempre estão presentes nas preces, sendo inclusive uma categoria da superestrutura do gênero prece: os pedidos ou manifestação de desejos, quase sempre precedidos de uma louvação à entidade a que se dirige e por vezes acompanhado de uma justificativa. Nesse caso o interlocutor que responde tem uma crença abalada, como se perguntasse: Vamos orar? Para quê? Aqui também poderia, dependendo da interação, acontecer o sentido de uma sugestão, de um convite, conforme a situação. Este segundo sentido parece o mais provável, dado o contexto, mas o de dúvida também é perfeitamente plausível. Para o acontecimento dos dois sentidos o texto teria entonações distintas apropriadas a possibilitar um ou outro efeito de sentido.

Figura 6 – Exemplo (6)



Fonte: *Printscreen* de WhatsApp do autor.

O texto de (6) tem um retorno a (2) de acordo com a mensagem inicial, uma vez que diz: devemos sim orar, pois seremos ouvidos e receberemos aquilo de que precisamos; (6) reitera a postura sugerida em (2), incitando (Vamos orar!) e usando como justificativa o trecho “Peça e você receberá!”, ambos enfaticamente (veja-se os pontos de exclamação); (6) é um texto injuntivo cuja superestrutura tem a incitação e a justificativa, conforme proposto por Travaglia (1992). Para a justificativa foi utilizada a passagem do Evangelho sobre sermos atendidos quando oramos a Deus pedindo algo e que pode ser vista em (7) e (7A). Como se pode perceber, o contexto de funcionamento de (2) se configura em muitos elementos correntes na sociedade e cultura em que acontece.

Figura 7 – Exemplo (7)



Fonte: *Printscreen* de WhatsApp do autor.

Figura 7A – Exemplo (7A)



Fonte: *Printscreen* de WhatsApp do autor.

Figura 8 – Exemplo (8)



Fonte: Printscreen de WhatsApp do autor.

243

O falante de (8) respondeu com um texto constituído pela interjeição litúrgica “Amém!!”, enfática (veja que há dois pontos de exclamação), e a imagem das mãos postas que significa, na comunidade de crença cristã, primeiro que você está desarmado e segundo que concorda com o dito que você traz para junto do seu coração (geralmente as mãos postas são posicionadas junto ao coração), simbolizando a aquiescência à vontade de Deus. A interjeição “Amém” indica uma aprovação ou concordância à expressão de um ponto de fé ou de um desejo de que determinada coisa seja feita ou ocorra. Teríamos então uma aprovação do dito em (2). A interjeição “Amém” é usada nas grandes religiões monoteístas: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo.³

Talvez a resposta apenas com “Amém” não seja muito boa, pois **amém** se usa para arrematar um desejo, um pedido como nas orações ou uma proposição de fé como as que se tem abaixo em (9) a que sempre se responde “Amém”.

³ As informações sobre a interjeição “amém” foram tiradas da internet. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Am%C3%A9m&aq=chrome.69i57joj433joj46jol6.2757joj15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 22 abr. 2021.

- (9)
- a) — Que você se cure.
 - b) — Jesus, lhe dê forças para passar por este momento de dor.
 - c) — Que Nossa Senhora te proteja.
 - d) — Jesus ressuscitou.
 - e) — Deus é pai e bom.

— AMÉM.

A questão do sentido que acontece na comunicação a partir de um texto e uma interação específicos não é muito simples. Parece haver uma propensão para sentido(s) mais de acordo com o linguístico usado no texto e o contexto em que ele é produzido. Todavia é sempre possível encontrar um outro sentido disponível. Assim, por exemplo, poderia acontecer também uma compreensão/interpretação de (2) de que o céu está aberto para receber as muitas pessoas que estão morrendo e morrerão vitimadas pela pandemia e o orar seria para que elas fossem recebidas no paraíso e para pedir pelo bem-estar de suas almas. Nenhuma resposta evidenciou a construção desse sentido a partir do texto de (2), da interação e da comunicação em processo.

Vejamos em (10) uma quinta e última resposta⁴ em que parece acontecer um efeito de sentido pouco esperado em função do contexto geral em que o uso dos textos acontece. A que aparece no texto de (10):

(10) kkkkkkkkkkkkkkk

A resposta de (10) é totalmente inesperada pelos padrões sociais, históricos e ideológicos mais ou menos correntes e predominantes em nossa sociedade e cultura brasileiras entre os cristãos. O remetente dessa mensagem, cujo texto é uma gargalhada, parece dizer que essa coisa de céu estar aberto para receber nossas orações é algo que não existe, uma piada que nos provoca riso. Assim, nessa interação acontece um sentido totalmente diferente para (2) e para a resposta a ele, pois o respondente parece ter uma crença completamente diferente do geral entre os cristãos: que Deus e o céu não existem e que isso é algo que

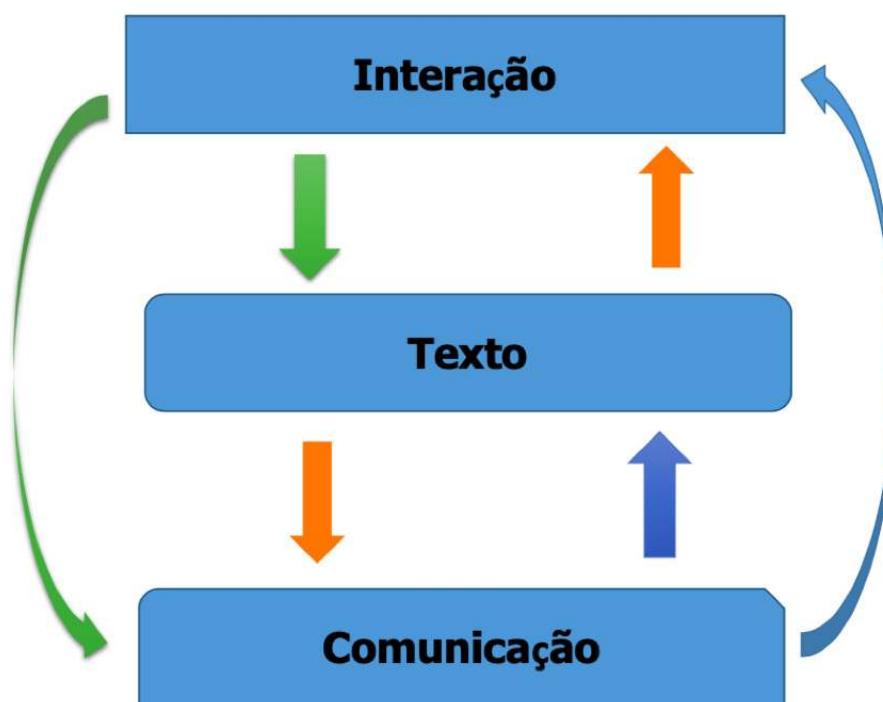
⁴ Houve cerca de duas dezenas de respostas, mas parece-nos que a análise dessas cinco é o suficiente para a questão sob análise, até mesmo porque todas as respostas seguem mais ou menos a mesma linha das analisadas aqui.

engana as pessoas. Veja-se que o texto do locutor (2) é o mesmo, todavia para esse alocutário que não compartilha crenças de (2) e, portanto, funciona em um contexto completamente diferente, o efeito de sentido que acontece é completamente diferente.

Considerações finais

Pelo que pudemos perceber, as fronteiras entre texto, comunicação e interação existem, mas elas não são fronteiras horizontais como as a que estamos acostumados. Elas são verticais porque texto, comunicação e interação se superpõem e o sentido é que estabelece inter-relações entre os três. Talvez uma representação visual mais apropriada seria a Figura 9.

Figura 9 – Fronteiras entre texto, comunicação e sentido



Fonte: elaborado pelo autor.

Nota: cores das setas: azul – influência da comunicação; laranja – influência do texto; verde – influência da interação.

Como vimos, a inter-relação entre texto, comunicação e interação é feita basicamente pelo sentido e é ele que faz com que as fronteiras entre texto, comunicação e interação sejam fluidas. Na verdade, a representação visual sempre deixa escapar aspectos importantes, pois as inter-relações entre texto, interação e comunicação são um pouco mais complexas do que permitem perceber as Figuras 2, 2A e 9.

Finalmente, queremos dizer que não nos pareceu que as mídias digitais tenham um efeito especial na configuração dos fenômenos que acabamos de discutir. Apenas o que acontece é que elas possibilitam um intercâmbio, uma dialogicidade maior e mais explícita (entre um grande número de interlocutores), bem como o uso de textos multimodais com mais facilidade, embora se tenha observado, por exemplo, a limitação em relação à oralidade como no texto (5) (FIGURA 5), em que a entonação é fundamental para o acontecimento de um ou outro sentido dos sentidos propostos como possíveis. Sem dúvida o respondente poderia ter gravado sua resposta com uma ou outra entonação (o WhatsApp permite isso), o que também poderia ser feito em uma interação face a face.

De todo modo, acreditamos que os fatos aqui expostos sobre texto, interação e comunicação se efetivam sempre independente de termos conversação face a face, textos escritos, textos orais, textos veiculados em livros, revistas, mídias sociais, digitais, etc. Talvez o meio de veiculação possa permitir ou não certos efeitos de sentido, mas essa é outra questão.

Referências

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A superestrutura dos textos injuntivos. In: **Anais de seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo**. Vol. II. Jaú: Fundação Educacional Dr. Raul Bauab/GEL-SP, 1992. p. 1290-1297. Disponível em: www.ileel.ufu.br/travaglia. Acesso em: 20 jun. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa**: pesquisa e ensino. v. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007a. p. 97-117. Disponível em: www.ileel.ufu.br/travaglia. Acesso em: 10 jun. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; RAUEN, Fábio José (org.). **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Tubarão: UNISUL, 2007b. p. 1297-1306. Disponível em: www.ileel.ufu.br/travaglia. Acesso em: 20 jun. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007. (Repensando a Língua Portuguesa)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, maio 2009a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>. Acesso em: 10 jun. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos. In: HORA,

Dermeval da (org.). **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: ABRALIN/UFPB, 2009b. p. 2632-2641. Disponível em: www.ileel.ufu.br/travaglia. Acesso em: 10 jun. 2021.